

DOMINGOS OLIVEIRA



"Cinema para engrandecer o homem"

Domingos Oliveira, Prêmio INC e Coruja de Ouro como "melhor diretor" de 1971, pelo filme **A Culpa**, conquistara antes um Prêmio INC como roteirista de **Todas as Mulheres do Mundo**, em 1967. Estes dois filmes também receberam Prêmio Adicional de Qualidade, do Instituto.

Embora satisfeitiíssimo com a Coruja de Ouro ("eu absolutamente não esperava") e convicto de que **A Culpa** "é um filme do qual se pode gostar ou não gostar, mas que tem a sua grandeza", Domingos não aconselha ninguém a filmar um roteiro escrito muitos anos antes. Seu último filme "foi escrito e reescrito durante 10 anos": "as obras antigas ficam racionalizadas demais para a emoção do cinema". Procurando guardar um distanciamento crítico frente às suas obras, embora seja um apaixonado em tudo o que faz, o cineasta acha que **A Culpa** não é inteiramente satisfatório como filme psicológico. Na concepção inicial de roteiro era um filme de terror. "Encerra uma certa fase minha e precisava ser feito por causa disso".

Domingos trabalhou na TV Globo durante um ano e meio na fase inicial de sua carreira. Ano passado voltou a participar da equipe desta emissora, dirigindo e escrevendo (ou apenas escrevendo) telepeças e adaptando obras célebres da literatura e do teatro. Também realiza documentários para a série Shell-Globo Especial.

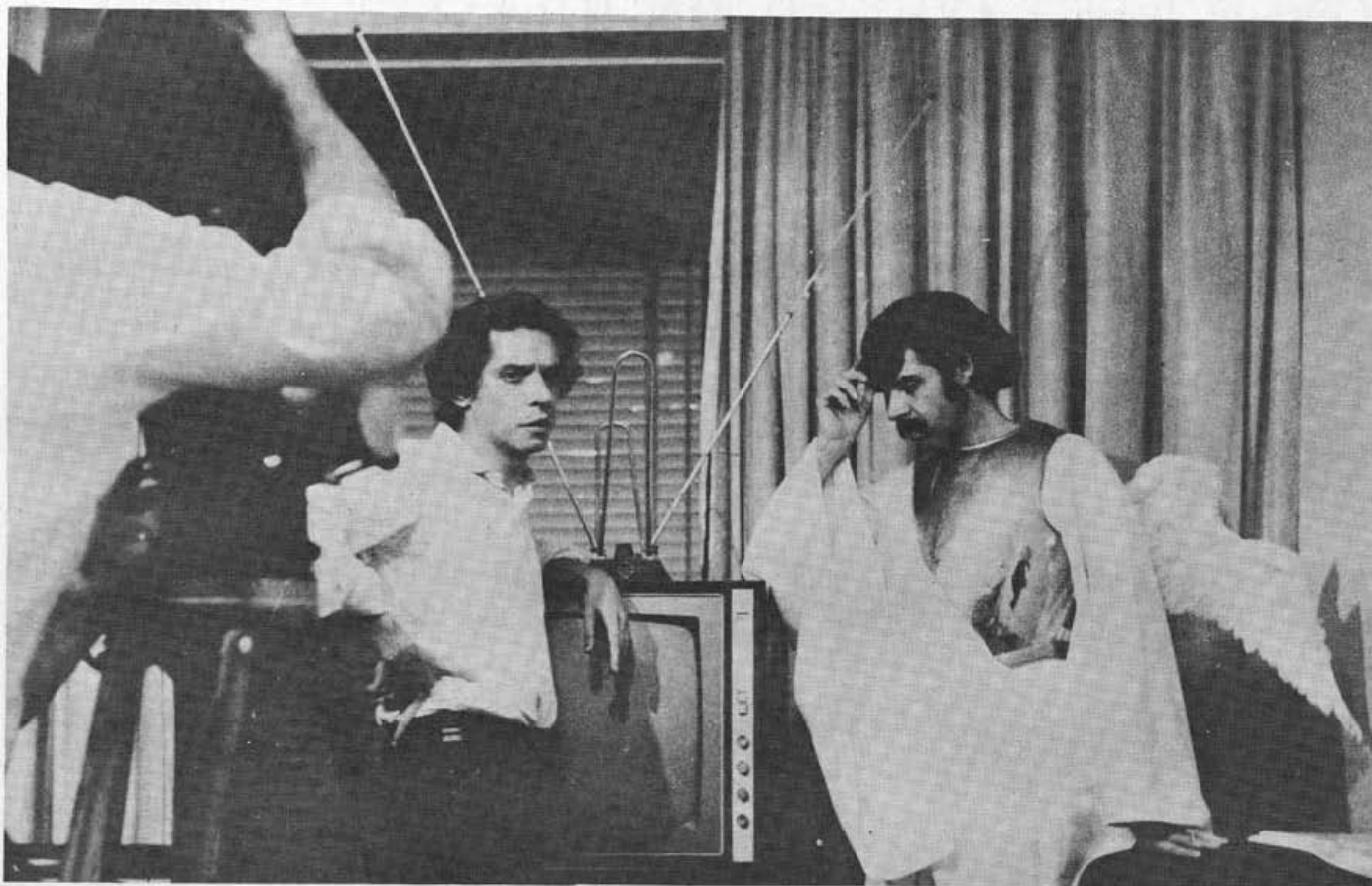
Em depoimento exclusivo para FILME CULTURA, o "melhor diretor" de 1971 dá sua opinião pessoal sobre a situação do cinema brasileiro. **FC**

"Exige-se do cineasta brasileiro, nos dias que correm, uma definição clara quanto ao próprio modo de encarar o cinema, esse veículo de comunicação de massa. Por mim, não tenho mais dúvidas quanto à função de nossa misteriosa atividade — o cinema ou a arte em geral. Ela serve para engrandecer o homem, lembrá-lo da imensa grandeza de sua individualidade e de sua espécie. Fora disso, a arte torna-se não apenas passageira, como também inútil ou quase inútil. Dentro disso, ela é a mais importante atividade (ou uma das mais importantes) de um mundo desesperado e

esquecido de si mesmo. No caso do cinema brasileiro, porém, uma questão prática permanece. Que homem deve o artista tentar engrandecer? O homem próximo, o do mercado interno, ou aquele outro, mais perto da esperança (talvez), o do mercado externo?

As cartas do mercado interno estão há muito tempo sobre a mesa e perfeitamente marcadas: a concorrência brutal do cinema estrangeiro, criando uma platéia altamente colonizada. Os prêmios e financiamentos governamentais, aparentemente vultosos, parecem

não determinar um desenvolvimento real da atividade do cinema brasileiro. Os produtores, que, em geral, são os próprios diretores, não têm nunca um tostão no bolso. Os filmes penetram no redemoinho confuso da distribuição-exibição, de onde saem com rendas ínfimas. É verdade que alguns filmes dão dinheiro, alcançam algum sucesso (modesto em termos internacionais), mas tais exceções trazem quase sempre doses tradicionalmente banais (e culturalmente inúteis) de comédia e sexo. A bela tendência do mercado externo, onde o cinema-indústria tende a voltar a ser



Domingos Oliveira dirige uma cena de *As Duas Faces da Moeda*

o cinema-arte, não parece encontrar reflexos aqui.

Urge assumir a crise, redobrar os prêmios e financiamentos. Se eu fosse governo, não hesitaria em julgar que — embora isto não seja verdadeiro a curto prazo — não existe um grande país sem uma grande cultura nacional. Em benefício de uma indústria cinematográfica que, nas condições atuais, tende ao desaparecimento, eu não hesitaria em arriscar a própria sanidade econômica do sistema exibidor, que, na verdade, tem saúde suficiente para suportar alguns jejuns.

Quais as opções que se apresentam ao cineasta brasileiro? Desprezar o mercado interno caracterizado pelo sucesso de um *A Viúva Virgem* e lançar-se ao risco marginal de uma 'chance' no cinema internacional. Ou aceitar as limitações de nossa platéia e ferozmente (pois aqui a ferocidade é necessária) tentar atingi-la.

Uma visão mais profunda da 'chance' do cinema brasileiro no exterior revela imediatamente que esta possibilidade depende de uma produção sadia no mercado interno, em bom nível artístico e técnico. Assim aconteceu com outros países: depende da quantidade, e não apenas da qualidade, a incursão de um cinema nos grandes mercados. Evidentemente existe a 'chance' de realização pessoal para alguns de nossos cineastas, que trabalhariam fora do país, ou dentro do país, eventualmente com ca-

pital estrangeiro. Esta possibilidade é, sem dúvida, atraente. **A Culpa** é um dos muitos filmes que admitem esta proposição. Mas acontece que o Brasil está no sangue e, com isto, muitas tentativas nesta linha resultam ambíguas: **Os Inconfidentes**, de Joaquim Pedro, (excelente filme) e **Como Era Gostoso o Meu Francês**, de Néelson Pereira dos Santos, talvez contrariando proposições iniciais, são obras que visam comover o mercado interno, ainda que ambigualmente.

O status do mercado interno é de fazer tremer da cabeça aos pés. Exemplifico lançando mão de meu filme, **A Culpa**. Grandes e pequenos circuitos o recusaram, no Rio. Acabamos promovendo a exibição em um único cinema o que, naturalmente, resultou em renda ínfima. Este pequeno exemplo é, a meu ver, significativo, escandaloso. Paradoxalmente, a direção do filme foi considerada pelo INC a melhor do ano (Prêmio Coruja de Ouro) e o filme conquistou o Prêmio Adicional de Qualidade. Filmes de bom vôo artístico, levantando propostas formais, estão destinados a humilhante fracasso. As comédias de sexo, desde que passem na Censura, têm 'chance' maior, algumas dão certo. Este, o quadro sinistro. Existirá algum caminho, uma ponta de luz, uma porta estreita? Talvez.

Liminarmente, encarar nosso cinema com objetividade. Um veículo de comunicação de massa, de penetração menos vasta que a televisão, porém com atuação cultural mais profunda sobre

sua platéia. É uma platéia de baixo nível intelectual, com forte preconceito em relação ao filme. Servida por um mercado exibidor tirânico. Enfim, essas observações definem um desafio específico ao qual nenhum artista tem o direito de se furtar. Um desafio que dá vontade de correr, para fora, além do mar, mas que sabemos ser preciso enfrentar.

Fazer um filme bra-si-lei-ro é diferente de fazer um filme 'no Brasil'. É preciso ter a humildade de reconhecer nossa platéia como ela é: ineducada. O cinema brasileiro está na fase de educar a sua platéia no caminho da arte. Quem estiver fazendo cinema para ganhar dinheiro está no campo errado. A aventura do cinema brasileiro é uma aventura séria, idealista, dentro do terreno da educação. É preciso que ela seja encarada e subvencionada nestes termos, não em outros.

Enfim, detesto falar dessas coisas. Não há lei que obrigue ninguém a ser patriota. Eu mesmo talvez não entre nesta jogada durante algum tempo. Eu quero é amar Lenita, ver Irene dar sua risada. E quero, também, quero muito, escrever uma cena arrancada tão fundo de meu inconsciente que eu estremeça ao pensá-la. Depois, chamar os atores e a câmara. Olhar por aquele buraco, trocar as lentes. Depois, mandar tirar o tripé, empunhar a arma e mandar 'rodar'. Sentir o frêmito e o prazer que escapa até das explicações psicanalíticas: o prazer de criar".